

QUANDO A CRÍTICA ILUMINA: UMA LEITURA DE MADAME BOVARY*

Léa Masina

Instituto Estadual do Livro

Um romance tem sido mais sedutor para mim na medida em que nele aparecem combinadas com perícia em uma história compacta a rebeldia, a violência, o melodrama e o sexo.

MARIO VARGAS LLOSA

UM LIVRO INESQUECÍVEL

A presença de certa "impureza" é, sem dúvida, responsável por alguns dos melhores momentos alcançados pela crítica literária contemporânea: colocar-se diante do texto como um leitor desprevenido e deixar-se contaminar pela força da linguagem favorece o clima para uma crítica verdadeiramente iluminadora, capaz de dialogar com a obra, lançando-a por inteiro no contexto social em que se produziu.

Exemplo recente desse tipo de crítica fértil é *A orgia perpétua*¹ em que Mario Vargas Llosa apresenta uma visão ricamente interpretativa de *Madame Bovary*,² de Flaubert. Partindo da sedução que obra e personagem exercem sobre ele próprio, o crítico apre-

* Este texto foi organizado a partir de palestra proferida no curso "Meu Livro Inesquecível", realizado pelo Instituto Estadual do Livro e Associação Internacional de Leitura (ALBS/RS).

ende o romance em si, suas fontes, o momento social, seu contexto e o processo de criação do romancista. No dizer de Bella Josef, que apresenta a obra, "esta história de uma paixão não correspondida realiza uma leitura analítica profunda, rica e subjetiva, exercitada em três perspectivas: a impressionista, a científica, a histórica, que se articulam numa visão complexa, apresentando firmes conceitos sobre o romance, sua projeção na realidade e os deveres do escritor para com a sua época".

Madame Bovary é lido por Vargas Llosa a partir da relação simbiótica do escritor com Emma. Disto decorre a criação de um texto perspicaz e elegante, em que a aridez da análise cede lugar a um processo de desvelamento progressivo do autor e de suas personagens.

Diante de um livro sobre o qual tanto já foi escrito, cabe ao leitor indagar, como o faz Vargas Llosa, do que realmente gosta ou não gosta — em *Madame Bovary*. A resposta irá decorrer do nível de leitura alcançado, da intensidade de identificação com personagens, ambientes e enredo. Isto porque um livro se torna inesquecível³ quando cria, no íntimo de cada leitor, um espaço próprio, suscitando respostas afetivas que possam vir a ser permanentes. O ato de ler é um ato de entrega, experiência concreta em que a individualidade desaparece, cedendo lugar a uma relação nova. De um ponto de vista prático, a criação desse clima ocorre quando o livro responde aos interesses — sobretudo inconscientes — de quem lê. Assim, o "gosto ou não gosto", se pesquisado, trará certamente respostas que apontam para a recriação crítica da obra.

Madame Bovary agrada a seus leitores porque lida com sentimentos e situações humanas: o amor, a paixão, o ódio, o tédio, a mediocridade, as perdas, a morte. Modernamente obriga a uma reflexão sobre o comportamento da mulher que, tendo seus impulsos de realização pessoal reprimidos, é forçada a abrir, à força, espaço dentro de si mesma, imagem correspondente ao espaço social, que, na prática, deseja ocupar.

Romance de tipo psicológico, característico do século XIX, é uma obra acabada, com começo, meio e fim, de enredo fortemente costurado. Inicia com o episódio de Charles Bovary na escola, com sua índole simplória e ingênua, exposto à galhofa e ao ridículo pelos colegas. Logo depois, surge Emma, nos Bertaux. Típicos opoentes, a presença de Charles junto a ela ressalta-lhe a natureza apaixonada

que tende, paradoxalmente, à frustração e ao vazio. O romance, exemplarmente de tipo psicológico, constitui-se na apreensão da trajetória da mulher, da paixão à morte. Obra acabada, é possível que sua própria estrutura transmita a sensação de plenitude, domínio e apossamento, favorecendo a catarse ao leitor e mantendo vivo o seu interesse.

É, pois, a carga de humanidade contida nas personagens o que mais atrai no texto de Flaubert. Ao observar que a rebeldia de Emma não tem o semblante épico dos heróis viris do romance do século XIX, "pois trata-se de uma rebeldia individual", Mario Vargas Llosa conclui que ela violenta os códigos do meio estimulada por problemas estritamente seus, não em nome da humanidade ou de certa ética ou ideologia". Emma age em nome de sua fantasia e do seu corpo, o que a torna, paradoxalmente, muito mais universal e mais perene:

Porque sua fantasia e corpo, sonhos e apetites sentem-se oprimidos pela sociedade, é que Emma sofre, é adúltera, mente, rouba e, finalmente suicida-se. (Op., p. 17)

OBSCURO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO

Fantasia e corpo: o impulso vital que leva Emma a buscar experiências brota, sem dúvida, desses dois elementos, o que significa, em sua conjugação, o desejo. Por vezes Emma se rebela contra tais impulsos e tenta voltar-se para Charles e para a vida burguesa de Yonville-L'Abbaye. Instintiva e sentimental não consegue, porém, impor-se contra sua própria natureza e busca sempre os prazeres imediatos. Para ela, o amor só é possível se cercado de dinheiro e de conforto. Não é sem razão que Vargas Llosa reconhece em *Madame Bovary* o conluio do erótico e do monetário, observando que a posse nas relações amorosas de Emma e de Léon, e principalmente de Emma e de Rodolphe, se reveste tanto do caráter amoroso quanto do interesse pelo dinheiro.

Emma ama e gasta furiosamente, a ponto de levar a si própria ao infortúnio, arrasando com o patrimônio de Bovary e sufocando de paixão os seus amantes. Mulher para a qual o prazer não é completo se não se materializa, "projeta o prazer do corpo nas coisas e,

por sua vez, as coisas acrescentam e prolongam o prazer do corpo" (op., p.108).

Projetando a obra no tempo, observa Vargas Llosa que nela "vislumbra-se essa alienação que um século depois aprisionará, nas sociedades desenvolvidas, homens e mulheres: o consumismo como desaforo para a angústia, tentar povoar com coisas o vazio que a vida moderna instalou na existência do indivíduo" (op., p.108). Emma é voraz e sua voluptuosidade não se detém diante de nada. Age como se mergulhasse, avidamente, num "oceano tenebroso".

A frase de Flaubert — "Madame Bovary c'est moi" —, que tem sido tão instigante para a crítica, aponta para a relação inevitável entre a necessidade de concretização do desejo na personagem e a preferência do romancista pelo concreto, pela objetividade descritiva, pela apreensão pormenorizada dos objetos e dos caracteres humanos. Esse estilo flaubertiano em que o naturalismo apresenta ainda fortes resquícios românticos e uma preferência acentuada pela palavra tornam *Madame Bovary* uma obra complexa em que o leitor se deixa envolver pela trama e sobretudo pela complexidade da personagem. À medida que nos adentramos no universo de Emma, nos provincianismos de Tostes, de Yonville e que acompanhamos os episódios de Rouen e La Huchette, sentimos que cada capítulo possui um encanto e uma tonalidade própria. Como numa peça musical em que o "adaggio" não se confunde com o movimento seguinte que, no entanto, o completa, o "grand finale" é, no romance, a morte de Emma e a orquestração de seus desacertos.

Matriz de inúmeras personagens literárias e denominadora de uma tendência da literatura brasileira — o bovarismo, na expressão de Lúcia Miguel-Pereira — Emma procura, com seu esforço de superação do provincialismo machista que a rodeia, não uma saída, mas o modo de penetrar esse espaço interdito em que as paixões são permitidas e a possibilidade de realização pessoal existe. Realiza, portanto, "um obscuro, instintivo processo de libertação" (op., p.111).

COMO SE MERGULHASSE NUM OCEANO TENEBROSO

Um crítico literário argentino, Eduardo Romano, chama a atenção dos leitores para a existência, em *Madame Bovary*, do ele-

mento água, sobretudo mar, como metáfora constante. É sobre o mar que Emma fala a Charles no seu primeiro encontro a sós — enquanto bebem o licor caseiro:

Queixava-se de sentir atordoamentos, desde o começo da estação; perguntou-lhe se banhos de mar lhe fariam bem. (MB, p.29)

Na segunda parte do romance, quando já se encontram em Yonville e Emma sente-se desamparada "como se fora uma pluma de ave a voar na tempestade", ela busca a igreja, numa tentativa de acalmar seu espírito inquieto. A rudeza do cura de Yonville obriga-a a retornar à casa. No espaço de tempo que transcorre entre sua chegada e o episódio em que rechaça Berthe, quando a filha procura agarrar-se às fitas do avental, percebe que os "objetos, em seus lugares, haviam-se tornado imóveis e se perdiam na sombra, como num oceano tenebroso" (MB, p.114).

No capítulo IX, quando Rodolphe declara, pela primeira vez, o seu amor, o rosto de Emma adquire "uma transparência anilada, como se ela houvesse sido mergulhada em ondas azúes" (MB, p.154).

Mas será principalmente nos episódios do Hotel de Boulogne, com Léon Dupuis, quando o erotismo alcança um ponto algo, que a metáfora do mar, associada à paixão, inquietude e movimento, passa a ocupar o centro da narrativa. A cama, objeto dominante do aposento, era "um grande leito de acaju, em forma de barco" (MB, p.251). "Em cima da lareira, entre os castiçais, havia duas conchas rosadas em que se ouvia o ruído do mar quando se encostava o ouvido" (MB, p.251).

O mar, que corresponde ao mundo interior de Emma, é tumultuado, infinito e, não raro, ameaçador. Quando, precipitando o desenlace, Emma deixa La Huchette, desesperada pela negativa de Rodolphe de auxiliá-la, livrando-a da ruína e do assédio de Lheureux, ela sente "que o solo, debaixo de seus pés, era mais movediço que uma onda e os valados parecem-lhe imensas vagas escuras num cachoar contínuo" (MB, p.296).

A metáfora do mar relaciona-se, por outro lado, ao desejo de libertação de Emma, libertação do mundo burguês e estreito de Tostes, Rouen e Yonville. Talvez, como quer a crítica francesa, o mar represente Paris que, em novecentos, é a capital cultural do

mundo. Se "Madame Bovary c'est moi", a inconformidade de Emma e seu conflito com o mundo podem ser fortes índices da postura social de Flaubert, de desprezo à pequena burguesia e de apego à aristocracia e a seus valores. Emma ama sempre o distante, o inacessível. O mar seria o universo do Marquês D'Andevilliers, em *La Vaubyessard*, que ela recolhera e guardara no porta-charutos de seda verde.

Representação de um espaço ilimitado, máxima aspiração dos personagens flaubertianos que se debatem contra a estreiteza do seu ser e contra as contingências do seu mundo, o mar representa também o incognoscível, o mundo interdito aos navegadores. Buscá-lo significaria um voo cego, apaixonado e sem retorno.

AS DIMENSÕES DO DESEJO

Num romance psicológico característico, como *Madame Bovary*, toda a narrativa se organiza em torno da personagem. É da história individual de Emma que decorre a ordenação cronológica da narrativa. Seu desejo manifesta-se como ordenador dos episódios, desenvolvendo-se em três direções: a busca do saber, a busca sentimental e a busca da sensualidade e do sexo. Emma é curiosa e tem ambições. Casa com Bovary numa estratégia para romper com o horizonte estreito de Bordeaux. Já em Tostes, dá-se conta de que nela existem espaços intocados. O capítulo V confronta as personagens:

Charles vivera catorze meses com uma viúva cujos pés na cama eram frios como gelo. Entretanto, agora, possuía, para toda vida, aquela mulher bonita, a quem adorava. Para ele, o mundo não ia além da sedosa circunferência das suas saias. (MB, p. 39)

Já Emma,

antes de casar julgara sentir amor; mas, como a ventura resultante desse amor não aparecia, com certeza se enganara, pensava ela. E procurava saber qual era, afinal, o significado certo, nesta vida, das palavras "felicidade", "paixão" e "embriaguez" que nos livros pareciam tão belas. (MB, p. 40)

À proporção que Charles sente crescer a estima pela mulher, aumenta nesta, inversamente, o rechaço por tudo quanto ele representa.

O episódio do Baile do Marquês, considerado como um divisor de águas no andamento do enredo e da narrativa, marca o pre-

domínio da fantasia em Emma que será, daí por diante, o elemento propulsor de suas ações. Repudiando a realidade, negando-a sempre, Emma parte numa espécie de "voo cego e apaixonado", na busca de sentido. E então preenche o vazio com coisas diversas, tornando-se adiante uma presa fácil para o inescrupuloso Lhereux:

no seu desejo, confundia a sensualidade do luxo com as alegrias do coração, a elegância dos hábitos com a delicadeza dos sentimentos. Acaso não necessita o amor, como certas plantas, de terreno preparado, temperatura especial? (MB, p. 63)

Quando os Bovary deixam Tostes para instalar-se em Yonville, aquele vago desejo que Emma formara a partir das leituras da adolescência e do convívio com as colegas no internato de freiras amadurece e se corporifica, evoluindo para uma espécie de erotismo. De seus primeiros encontros, ainda tímidos, com Lèon, enquanto folheavam juntos revistas de moda, resulta a liberação de suas fantasias:

Amava Lèon e procurava a solidão para, mais livremente, deliciar-se com a lembrança de sua imagem. A presença dele interrompia-lhe a volúpia do recolhimento. Estremecia ao ruído de seus passos; depois, à sua presença, ia-se a emoção e nada mais lhe ficava que um grande espanto terminado em tristeza. (MB, p. 108).

Quando Lèon se afasta para estudar em Rouen, forçado pelo assédio da família, Emma passa a viver a melancolia de sua ausência. Explode, então, apaixonada, maldizendo-se por não se ter lançado nos braços do amante:

Mas as dificuldades da empresa embaraçavam Emma antecipadamente, e seus desejos, aumentados com a saudade, se faziam mais intensos. (MB, p. 122)

Alimenta, a partir daí, esse vazio, procurando preenchê-lo, paradoxalmente, com outras coisas: mudava o penteado, quis estudar italiano, experimentou leituras graves:

Mas aconteceu com as leituras o mesmo que com os tapetes, apenas iniciados, que enchiam o armário. Tomava-as, deixava-as, passava a outras. (MB, p. 123)

Será nesse contexto que irá ocorrer, adiante, o encontro entre Emma e Rodolphe. Para compreendê-lo é necessário remontar, novamente, ao pequeno universo burguês de Yonville, no séc. XIX.

Quando somente aos homens é dado o direito ao amor e à liberdade, Emma encontra alguém que é "rico e livre". Se Charles Bovary é o protótipo do opoente, na primeira parte do romance, Rodolphe fará ressaltar a ingenuidade primária da personagem, seu sentimentalismo piegas, trazendo à narrativa conotações de melodrama:

"Pobre moça", diz Rodolphe. — Suspira pelo amor como uma carpa pela água sobre uma mesa de cozinha. Com três palavras de galanteio, aquilo será posse adorável. (...) Sim, mas como desembaraçar-se dela depois? (MB, p. 127)

A partir do episódio dos comícios, quando Rodolphe a seduz com a apologia da paixão, repudiando as convenções, Emma se deixa invadir por uma espécie de langor, confundindo as figuras dos amantes:

A doçura dessa sensação, descobria assim seus desejos passados, como grãos de areia sob um golpe de vento, esses desejos turbilhonavam na onda sutil do perfume que se espalhava por sua alma. (MB, p. 142)

É magistral como Flaubert manifesta a transformação do desejo de Emma a partir daí, da fantasia sentimental para a sensação física, ressaltando o comportamento corporal da personagem:

Dilatou as narinas repetidas vezes, fortemente, para aspirar a frescura da hera que cercava os capitéis. Descalçou as luvas, enxugou as mãos; depois, abanou o rosto com o lenço, ouvindo, através do bater das frentes, o rumor do povo e a voz do conselheiro salmodiando suas frases. (MB, p. 142)

Logo adiante, a voluptuosidade se concentra no encontro das mãos, quando um desejo intenso lhes fazia trêmulos os lábios secos; e lentamente, sem esforço, seus dedos se entrelaçaram (MB, p. 145).

Observa Vargas Llosa que Emma ama o distante e repudia aquilo que lhe está próximo. A partir do capítulo X, no auge da paixão que a liga ao Senhor de La Huchette, Flaubert acentua as conseqüências da crise que se prenuncia. A sentimentalidade piegas de Emma não raro patética, choca-se com o cinismo de Rodolphe, que logo irá cansar-se dela. E Emma recompõe, com tristeza, o tempo passado:

Ela consumira tudo nas aventuras da sua alma, em todos os estados sucessivos, na virgindade, no casamento, no amor — perdera tudo

assim, continuamente, no transcorrer de sua vida, como viandante que deixa alguma coisa de sua riqueza em todos os pousos do caminho. (MB, p. 166)

Flaubert vai além na composição dos desejos da personagem: Emma vive êxtases místicos, o desejo de religiosidade apreendido como espécie de sublimação do desejo sexual. E o desejo de posse, espécie de materialização erótica, que se manifesta não apenas com relação aos objetos, mas às pessoas, numa ânsia de apropriar-se da consciência e da vontade do outro. Charles cede de imediato a estes desejos da mulher que, no dizer do narrador, chega a corrompê-lo do próprio túmulo. Rodolphe resiste apenas porque Emma se lhe torna maçante e indiferente. Já Lèon, quando amantes, sente-se sufocado pelos impulsos desmedidos da companheira e foge.

Tal vocação para o amor e para o prazer nunca ocorre isolada: faz-se acompanhar, sempre, da ambição, da paixão pelo luxo e pelo dinheiro:

Contudo, no afã de Emma de possuir coisas, não apenas se liga a seus amores, também a seus desenganos e aborrecimentos. É uma relação mais sutil, menos sublinhada do que a anterior, mas que, em certos períodos da vida, se percebe claramente. (Op., p. 108)

Será pela mão de Lhereux, o comerciante agiota, que a tragédia de Emma se desencadeia. Sua fantasia, que a impele a aprofundar cada vez mais a distância entre o desejo e sua satisfação, a conduz, inevitavelmente, para a morte. No universo estreito de Yonville, em que apenas aos homens o desejo e o sexo eram defesos, o drama de Emma decorre de sua profunda ambigüidade, de sua adesão ao universo masculino. Como acentua Vargas Llosa, sua aparência frágil de mulher escamoteia a presença de um varão.

O fato de ser mulher impõe-lhe constrangimentos. Para ser livre, Emma teria de vencer os preconceitos da época e os limites de sua classe social. Ela deseja, pois, um filho homem para que possa, ao menos ele, ser livre, ter paixões, viajar, ter experiências:

Feminista trágica — porque sua luta é individual, mais intuitiva que lógica — em Emma pulsa intimamente o desejo de ser homem. (Op., p. 110)

Decidida a romper os limites do seu sexo, Emma assume funções varonis, cuida das contas de Charles, porta-se sempre como o elemento ativo nas relações que mantém com seus amantes. Mas paradoxalmente quando estes aceitam a inversão dos papéis — e is-

to ocorrerá sobretudo com Charles e Léon — ela se frustra e os despreza porque eles passam a parecer-se com mulheres:

Essa é uma das contradições insolúveis que fazem de Emma um personagem patético. O heroísmo, a audácia, a prodigalidade, a liberdade são, aparentemente, prerrogativas masculinas. Entretanto Emma descobre que os varões que a cercam — Charles, Rodolphe e Léon — tornam-se afáveis, covardes, medíocres e escravos tão logo ela assume uma atitude masculina. (Op., p.112)

Tanto Charles, o marido medíocre, quanto Rodolphe, o amante mundano, submetem Emma em sua natureza feminina. E ambos atribuem a forças ocultas as conseqüências de sua própria covardia. "Madame Bovary c'est moi": a solidão de Emma resulta de sua feminilidade.

Inicialmente Emma vibra, ávida de desejos, de sentimentos, de vontade de saber: sua trajetória como personagem será no sentido de realizar esses impulsos. Rodolphe representa a realização no plano erótico, sexual; Léon, o alcance no plano romântico e sentimental. Mas a busca do saber e do conhecimento, que seriam os verdadeiros caminhos para a emancipação da mulher no séc. XIX, lhe serão vedados. Nem o marido, nem os amantes favorecem sua libertação, na medida que não existem canais que escoem o saber de um universo para o outro. Por isso o vôo de Emma será sempre cego e apaixonado.

Mais uma vez Vargas Llosa, na sua interpretação sensível, dará a medida exata da importância da obra e sobretudo da personagem, enquanto verdadeira heroína de romance, lutando para impor seus valores num universo hostil e, por que não dizer, degradado:

Embora morra jovem e tenha uma morte atroz, Emma pelo menos, graças à sua valentia para aceitar-se como é, vive experiências profundas que as virtuosas burguesas de Yonville nem sequer pressentem, numa existência tão rotineira como a de suas galinhas e cachorros. Eu louvo que Emma em vez de sufocar seus sentidos tratasse de apaziguá-los, que não tivesse escrúpulos em confundir o "cul" e o "couer" que, de fato, são parentes próximos, e que fosse capaz de acreditar que a lua existia para iluminar sua alcova. (Op., p.25)

NOTAS

1. VARGAS LLOSA, Mario. *A orgia perpétua*. Rio, Francisco Alves, 1979.
2. FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo, Círculo do Livro, s.d.